

QUESTÕES PORTUGUESAS

Um caso merecedor da maior atenção

A vila de Olhão está sem cinema

A notícia foi tornada pública por intermédio dos grandes diários.

Era pequena e simples, mas alvorçou, sem nota de exagêro, o meio cinematográfico português.

Nun país como o nosso, onde há aproximadamente duzentos e poucos cinemas, a informação de que haviam sido encerradas as duas únicas casas de espectáculos cinematográficos existentes numa vila importante, tinha, por força, de interessar todos os que se encontram ligados, moral ou materialmente ao negócio de cinema em Portugal.

A notícia, conforme já atrás demos a entender era bastante incompleta e pouco dizia, mas para os que dela não tiveram conhecimento, publicamos-la tal qual o *Diário de Lisboa* a inseriu:

OLHÃO, 20. (Pelo telefone) — *Continua a lavar o maior descontentamento pelo facto de se encontrarem ainda encerrados os cinemas desta vila com prejuizo da população, apesar dos interessados terem feito já as necessárias diligências para solucionar o assunto. Além do prejuizo que tal facto provoca a várias entidades e organismos, há também a contar que a obra de beneficência local é deveras afectada, visto que os cinemas davam a Sopa dos Pobres uma verba que, em 1940, se cifrou em 9.285\$00, e nos primeiros seis meses deste ano atingiu 4.399\$50.*

Ora, «Animatógrafo» que foi criado — conforme já temos tido ocasião de provar — para cuidar de tudo o que se relacione com a industria cinematográfica em Portugal, seja produção ou exhibição, não podia, de modo algum, deixar passar, apenas em pequenas notícias, perdidas nas páginas, sempre cheias de interesse, dos grandes diários, um assunto que deve merecer de todos os portugueses a maior atenção e cuidado. E, para poder tratar e procurar ajudar a resolver essa questão entendeu que nada havia melhor do que informar-se convenientemente sobre as razões existentes para provocarem uma tão grave situação.

Cinemas em más condições higiénicas

Abordou-se, por mais de uma vez, nas páginas de extintos jor-

por se considerarem impróprias as duas únicas casas de espectáculos ali existentes

nais de Cinema a, até hoje insólvel questão dos cinemas da provincia. Más projecções de imagens e som, aparelhagens deficientissimas e condições higiénicas bastante rudimentares para as necessidades da vida actual. Todavia não se procurou então resolver esse problema que agora surge de novo mas com um aspecto muito mais grave e que levará por certo a medidas rigorosas e em alguns casos absolutamente justificáveis. Vejamos, por enquanto, a questão agora posta em foco:

Em Olhão, importante vila algarvia, existe há aproximadamente trinta anos uma casa de espectáculos que tem funcionado como cinema: — *Cine Teatro* com uma lotação para 1.476 pessoas, propriedade do sr. Manuel Alexandre dos Santos Júnior. Além desta, outra casa de espectáculos existe: — *Salão Apolo* com uma lotação para 911 pessoas, propriedade de Moura Veiga & Evangelista.

Estes dois cinemas funcionavam normalmente até há cerca de um mês, quando por determinação da Inspeção Geral dos Espectáculos foram obrigados a encerrar as suas portas e a proceder a obras e melhoramentos necessários.

Evidentemente que tal medida provocou natural alarme não só entre os proprietários dos referidos cinemas como entre o público cinéfilo e certos organismos que dos espectáculos cinematográficos auferiam algumas importâncias para fins de beneficência.

Compreende-se que se a Inspeção Geral dos Espectáculos orde-

nou o encerramento daquelas salas é porque elas não ofereciam a segurança e comodidades, consideradas indispensáveis numa casa de espectáculos.

Pelas informações que obtivemos podemos aclarar o principal aspecto deste problema. De facto as salas em questão pouco mais são do que dois barracões que nenhuma garantias oferecem no caso de possível sinistro. Mas, como se tal não bastasse, há ainda a incompreensível falta de higiene. Ora, nos tempos que correm já se não podem admitir certas salas de espectáculo que existem pela provincia e para as quais chamamos a atenção da Inspeção Geral dos Espectáculos que parece iniciar definitivamente a campanha que há tanto se ambicionava resolver, e que tem como fim, tornar um prazer a visão de um filme em qualquer ponto do país.

Uma exposição enviada ao sr. Inspector Geral dos Espectáculos

Por intermédio do Grémio Nacional dos Cinemas enviaram os cilhanenses uma exposição com mil e tantas assinaturas ao sr. Inspector Geral dos Espectáculos, no sentido de durante o tempo das obras de um dos cinemas, ser permitido o regular funcionamento do outro, que procederia às respectivas obras logo que as do primeiro fossem dadas por concluídas.

«Animatógrafo» concorda em absoluto com semelhante pedido porque não há apenas que considerar o prejuizo comercial que se

registaria no caso de a I. G. E. determinar o encerramento imediato de todas as salas do país consideradas incapazes de funcionar, por não oferecerem condições de segurança aos seus espectadores.

Esperamos que o sr. Inspector Geral dos Espectáculos satisfaça os desejos, que aliás são justos, dos que se encontram prejudicados com a medida tomada — pela forma sugerida ou por outra que julgue preferível.

Um exemplo que deve frutificar

O Cinema Português para poder vingar e existir necessita antes de mais nada que possa cobrar dentro do nosso país, e no mais curto espaço de tempo, a verba gasta com cada filme nacional.

Já atrás dissemos que Portugal possui no continente duzentos e poucos cinemas o que não é muito para uma população de sete milhões de habitantes. Verifica-se, antes de mais nada que se torna necessário provocar o interesse pelo espectáculo cinematográfico a pessoas que quasi nem dão pela sua existência. Ora, o maior número de pessoas que desochem o Cinema ou que não frequentam as salas de espectáculo residem principalmente na provincia.

Além dos motivos de ordem económica que influem na frequência das salas de espectáculos — e que não temos aqui que considerar — a principal razão do desinteresse de muita gente pelo cinema, por essa provincia fora, reside na falta de conforto, de simples higiene, de condições mínimas, em suma, das salas de exhibição.

O que acabamos de dizer é justamente no interesse dos próprios exhibidores que não se preocupam como deveriam com o aspecto e segurança das suas salas.

A resolução tomada agora pela I. G. E. não pode ser uma coisa à parte, mas sim o início de uma acção generalizada e metódica. Torna-se absolutamente necessário acabar de uma vez para sempre, e a bem do Cinema Português, com o estado lamentável de muitos dos cinemas da provincia. «Animatógrafo» não descurará o problema e procurará facilitar o trabalho de quem tem de resolver uma tão importante questão.

LEIA NA PÁGINA 7 A NOTICIA PORMENORIZADA DA PRÓXIMA FESTA DO

CLUBE DO ANIMATÓGRAFO

QUE SE EFECTUA NA NOITE DE 2 DE AGOSTO

PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

O SERVIÇO DE SELECÇÃO

de intérpretes e os candidatos da Província

Prometemos, não há muito tempo, elucidar os leitores da província que desejem inscrever-se no Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro.

Continuámos, como desde o primeiro dia, a receber cartas e postais aos quais respondemos hoje, publicando o questionário a que tódas as pessoas residentes na província e que queiram representar no cinema, podem responder por carta.

1.º

Publicamos duas fotografias do ficheiro pelas quais se pode ver a posição em que o inscrito deve ficar. Como não é possível fixar agora a cada inscrito o número exacto sob o qual ficará registado pede-se a tódas as pessoas para escreverem por detrás de cada uma das fotos o nome e morada a-fim-de se evitar possíveis extravios.

Lembramos, mais uma vez, que só são necessárias duas fotos de sendo o seu formato máximo ser 6 x 9 e o mínimo idêntico ao que publicamos.

2.º

É da maior conveniência res-



A primeira foto...

- NOME ARTÍSTICO
- NOME VERDADEIRO
- NACIONALIDADE
- DATA DO NASCIMENTO (dia, mês e ano)
- NATURAL DE:
- PROFISSÃO
- MORADA
- TELEFONE
- RAÇA
- CÔR DA PELE
- » DOS CABELOS
- » DOS OLHOS
- ALTURA
- PÊSO ACTUAL
- » NORMAL
- PARTICULARIDADES
- TRAJOS QUE POSSUI (indicar se tem fatos de banho, sport, trajo regional, especial, smoking ou casaca)
- HABILITAÇÕES LITERÁRIAS
- LÍNGUAS QUE FALA
- CANTA?
- CLASSIFICAÇÃO DE VOZ
- DICÇÃO
- SOTAQUE
- DESPORTOS QUE PRÁTICA (indicar se nada, guia automóvel e monta a cavalo)
- EXPERIÊNCIA TEATRAL (amador?, profissional?)
- HABILITAÇÕES ESPECIAIS
- SABE MÚSICA?
- » DANSAR?
- JÁ TRABALHOU EM CINEMA?
- EM QUE FILMES?
- POSSUI FARDAS?
- QUAIS?
- TEM TEMPO DISPONÍVEL?
- SENDO CASADA, TEM AUTORIZAÇÃO DO MARIDO?

ponder com clareza a tódas as perguntas do Questionário.

3.º

Não é necessário cortar o «Animatógrafo» para responder. Basta apenas copiar numa fôlha de papel comercial as perguntas feitas e responder fazendo acompanhar a carta das duas fotografias segundo o enquadramento e posição da que publicamos e enviar directamente ao Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro, Alameda das Linhas de Tórres, 157 — Lisboa.

Os concorrentes devem enviar juntamente 2\$50 em selos, que se destinam ao fundo social do Sindicato dos Profissionais de Cinema.

4.º

No caso de ser necessário, num próximo filme, deslocações à província e que haja necessidade de intérpretes nas terras onde seja preciso filmar, só os inscritos no S. S. I. que residem nessa região serão chamados a trabalhar.

Não há, pois, motivo para desgostos pelo facto de não residirem na capital.



...e a segunda.

OS PRODUTOS DE BELEZA **ZINALIA** SÃO MAGNÍFICOS. USAI-OS



GEORGE MURPHAY

Actor-bailarino, interpretou ao lado de Eleanor Powell e Fred Astaire um dos papeis de «Idílio Musical». Ultimamente foi o parceiro de Ginger Rogers em «Tom, Dick and Harry» produção da RKO



*A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....*

Imprima movimento, acção, ritmo, aos documentários fotográficos de vossos filhos — assim terá a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e obtêm os melhores resultados. Filmar constitui para elas uma das melhores diversões.

Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.



Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente

KODAK. LIMITED — 33. Rua Garrett — LISBOA

PANORÁMICA

A viagem Presidencial aos Açores

Felizmente foi possível remover as dificuldades que haviam surgido — dificuldades naturais e compreensíveis, dado o carácter e circunstâncias do acontecimento — e o operador Manuel Luiz Vieira pôde partir a bordo do «Carvalho Araújo», com o seu assistente e a sua «Debrê», a fim de registar no celuloide todos os aspectos da viagem do Chefe do Estado ao arquipélago dos Açores. A transcendência histórica de que se reveste essa viagem de soberania às ilhas portuguesas do Atlântico impunha a sua filmagem, não só para que pudesse ficar um documento vivo do acontecimento, de valor inestimável no futuro, mas também para que todos os portugueses possam ser testemunhas da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, possam acompanhar o Senhor General Carmona na sua viagem, quando seguirem nas telas dos cinemas as imagens impressionadas por Manuel Luiz Vieira.

Bem andaram pois a SPAC e o Secretariado da Propaganda Nacional, não desistindo da reportagem deste acontecimento histórico. Estamos certos que o filme ficará à altura do assunto, pois Manuel Luiz Vieira é um dos nossos operadores mais competentes e mais conscienciosos, que prestou já todas as provas, desde as filmagens no estúdio até às tomadas de vistas de reportagem. Recordamos justamente algumas esplêndidas imagens da visita do Chefe do Estado às Colónias, maniveladas por Manuel Luiz Vieira, em especial certos aspectos inesquecíveis da recepção em S. Tomé que foram magnificamente registados pela mesma câmara de filmar que vai fotografar a viagem presidencial aos Açores, de certo com a mesma proficiência e idêntico brilho.

Jean-Pierre Aumont em Lisboa

Lisboa continua a ser visitada por celebridades cinematográficas. Rara é a semana que não fica assinalada pela passagem de um «astro», de uma «estrela», de qualquer personagem importante na vida fílmica mundial. Podemos hoje anunciar aos nossos leitores que se encontra na capital Jean-Pierre Aumont, o conhecido galã do cinema francês, velho frequentador das nossas telas apesar da sua mocidade autêntica.

Não foi possível ouvir o simpático actor francês neste número, porque a sua chegada a Lisboa não se verificou a tempo de fazer, escrever, compor e paginar a entrevista. Mas na próxima semana transmitiremos aos nossos leitores o que nos disser o intérprete de «O Hotel do Norte» e de tantos outros filmes em que podemos admirar as suas reais qualidades.

Mota da Costa

Acaba de ser posto à venda o primeiro romance do nosso camarada de redacção Mota da Costa: «Ciclone». Não temos ainda o livro, que tem uma bela capa de António Domingues; mas temos a certeza de que Mota da Costa se saiu tão bem na sua estreia puramente literária como nos trabalhos cinematográficos que tem publicado até aqui, quer em páginas de jornais e revistas quer no seu «Sétima Arte».

Daqui enviamos a Mota da Costa um abraço de parabéns, desejando-lhe os maiores triunfos na sua actividade no campo das letras.

Um mal sem remédio?

As estrelas sensacionais são como as galinhas: aparecem com o frio e com a

OS BOIS ADIANTE DO CARRO

Quando há quinze dias aqui agradecemos ao Doutor Agostinho de Campos o apoio que o seu recente artigo «O cinema invasor» veio dar à nossa campanha a favor da produção nacional digna, metódica e contínua, limitámo-nos a afirmar que não concordávamos em absoluto com a sua conclusão disjuntiva: «ou temos ganas para fazer sôzinhos cinema nacional que preste, e dure, e conte para variarmos do outro; ou será preciso «contingentar» a invasão, obrigando os nababos de além-mar a ajudar a gente a ver-se ao menos em parte livre dêles». Vamos hoje tentar expor os motivos que determinam a nossa divergência relativamente aos meios considerados (quanto ao fim a atingir — repetimos — afinamos inteiramente pelo mesmo diapasão).

Há muito que defendemos a opinião de que o cinema português não deve esperar o seu desenvolvimento de esforços ou sacrifícios alheios, mas sim dos seus próprios esforços, do seu suor, do seu trabalho, da sua luta. A natureza e a história ensinam-nos a cada momento que só abre caminho, prospera e vence quem conta consigo, com o seu ânimo e com a sua força, quem sabe transformar em actos e realidades a sua fé e a sua esperança. E a experiência recente de certos países, por sinal dos mais «próximos» do nosso, em todos os sentidos, mostra que também em matéria de produção e concorrência cinematográficas não é sistema pôr o carro adiante dos bois. O facto de, a golpes de decretos, se fazer o vácuo no mercado, não traz como consequência necessária a floração do cinema nacional — e muito menos de um cinema nacional capaz, «que preste e dure». Pelo contrário, verifica-se que semelhante sistema é até prejudicial, pelos reflexos que tem no público. Privado, de sopetão, dos espectáculos a que está habituado, o público desinteressa-se e passa a primar pela ausência (há que não esquecer que o público accorre aos espectáculos que apetece, e não a quaisquer espectáculos). E às duas por três, verifica-se que o negócio cinematográfico vai por água abaixo — porque a produção, em vez de progredir, estagna, fica indefinidamente a marcar passo (como consequência natural da falta de comparação, de estímulo e até de «escola» que a cinematografia estrangeira constitue), e porque o público diminui cada vez mais, por efeito dessa estagnação da produção nacional.

Além disso há outro aspecto da questão que é preciso não esquecer. Ainda há dias ouvimos António Lopes Ribeiro expô-lo com a maior clareza: Portugal tem 200 cinemas que precisam de 200 a 300 filmes anuais para viver, quer dizer, é necessário um volume de filmes dessa ordem para alimentar a exploração normal das nossas 200 salas de exibição. Se se proibir ou apenas restringir a importação de filmes estrangeiros, uma boa parte desses 200 cinemas terá de fechar — o que representaria automaticamente a redução do mercado nacional para a produção portuguesa, que ficaria assim sem a possibilidade de existir sequer. O mercado nacional é tão limitado que qualquer redução equivale ao seu desaparecimento — pois os mercados só existem quando absorvem em condições económicas a produção industrial. Quando o consumo não dá a necessária compensação — nada feito.

E não se julgue que a produção nacional, mesmo se fôsse muito mais numerosa, poderia abastecer sôzinha os nossos 200 cinemas. Para isso seria necessário tirar, de cada filme que produzissemos, uma quantidade bastante elevada de cópias — expediente absolutamente inviável porque elevaria o custo da produção a cifras inimportáveis para o nosso mercado de 200 cinemas.

A restrição prévia, total ou parcial, da importação estrangeira equivaleria portanto à redução do mercado nacional e, por consequência, à inviabilidade da produção portuguesa.

O que há a fazer, o que importa que se faça é produzir filmes portugueses, cada vez melhores e cada vez em maior número, prevenindo-se por agora apenas — o que será bastante, mas também indispensável — a produção nacional contra qualquer espécie de prejuízos, dificuldades ou perturbações que o filme estrangeiro lhe possa causar, em qualquer sector, especialmente nos da distribuição e da exibição. E depois se verá. Não cremos, porém, que venha a ser necessário decretar restrições ao filme estrangeiro. Se conseguirmos desenvolver a nossa produção, fazê-la progredir em quantidade e qualidade — a importação de filmes estrangeiros reduzir-se-á por si, automaticamente, naturalmente.

DOMINGOS MASCARENHAS

chuva e somem-se logo que vem o calor. Nesta época do ano, em plena canícula, só o Eden continua a apresentar filmes — excepção à regra, que é assim confirmada e não desmentida. Mas uma estrela por semana não chega para saciar a sede cinéfila dos cinemófilos impedidos, inofridos e impenitentes. Resta portanto o único recurso: a «reescagem» nas reexibições de filmes que não puderam ser vistos durante a temporada ou de filmes que apetece rever. Dá-se porém um fenómeno extraordinário e encantante: há semanas em que nem um só dos cinemas de reexi-

bição apresenta um só filme de interesse; depois, aparece uma semana em que todos levam a seguir fitas de categoria, daquelas que sabe bem ver mais uma vez, daquelas que sabem melhor do que um copo de água fresca, aos cinéfilos convictos...

É positivamente arreliante! E certo irremediável. Não fazemos, por isso, esta observação com a ideia de pedir ou propor a mudança deste estado de coisas. Quisemos apenas chamar a atenção para um fenómeno inexplicável, que intriga pela regularidade com que se produz e repete.

GABRIEL PASCAL

passou de novo por Lisboa a caminho de Espanha onde vai produzir um grande filme histórico sobre a vida de

CRISTÓVÃO COLOMBO

Gabriel Pascal passou novamente em Lisboa. Veio da América e seguiu para Londres a fim de ultimar os preparativos do filme *Cristóvão Colombo*, projecto que há muito acalentava e que só agora terá realização. Podemos encontrá-lo na majestosa Praia do Guincho, onde o produtor de *Pigmaleão* acabara de almoçar. Pascal estava entusiasmado com o cenário que se desdobrava ante seus olhos. De pé, sobre a escuridão, na postura do herói de «Rebecca», no início do filme, olhava o mar dum azul puríssimo, franjado de branco, quando as ondas alterosas se desfaziam de encontro às rochas.

Pascal recebeu o jornalista, com a sua proverbial simpatia. Falou, com calor, dos planos futuros — uma trilogia cinematográfica, à glória dos grandes navegadores: Colombo, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, para focar as viagens épicas à América e à Índia e a prodigiosa aventura de Magalhães na viagem de circunnavegação.

Por agora, Cristóvão Colombo é a razão das suas preocupações. Espera produzir o maior filme da sua carreira — duma carreira onde há obras, como *Pigmaleão* e *Major Barbara*. E diz-nos que lhe sobram motivos para se confessar encantado com o argumento que Rafael Sabatini escreveu, de colaboração com ele — após anos e anos de estudos e de investigações aturadas.

O filme deve ser inteiramente produzido em Espanha. Se surgirem dificuldades, com que não conta — limitar-se-á a colher ali exteriores, nos próprios locais onde Colombo viveu a sua maravilhosa aventura.

Laurence Olivier encarnará no cinema a figura do genovês, que ac serviu da Espanha descobriu o continente americano, quando buscava a Índia, que ele supunha poder demandar, partindo da costa da África, em direcção ao Ocidente. Vivien Leigh será possivelmente Beatriz «a mulher que sacrificou a Colombo tudo o que uma mulher pode sacrificar ao homem que ama».

Outra razão ainda leva Gabriel Pascal a Londres. Ele pretende saber se George Bernard Shaw está disposto a escrever os diálogos do filme.

Os técnicos de «Cristóvão Colombo»

Dentro de duas semanas, Pascal estará de volta. Poderá então dizer-nos quem são os técnicos e artistas — em número de sessenta — que se deslocarão, de Nova-York, a Madrid, via Lisboa, para assumir os postos respectivos. Por agora, apenas nos disse que Fred A. Young, o operador de *Rainha Vitória*, *Sessenta Anos de Glória* e *Adeus Mr. Chips*, e



O nosso colaborador Fernando Fragoso, toma apontamentos durante a entrevista que teve com o produtor de «Pigmaleão»

Eugenio Schufftan, o «cameraman» de *Quai des Brumes*, serão os responsáveis pela fotografia de *Cristóvão Colombo*. Pelos nomes até agora revelados — Pascal, Laurence Olivier, Fred Young e Schufftan, Sabatini e possivelmente Bernard Shaw — o novo filme, que a United Artists produzirá e distribuirá, apresenta-se com todas as garantias dum trabalho de grande categoria artística, com aliás exigida o tema que vai focar.

Interrogámos Pascal sobre se o êxito de *That Hamilton Woman* teria influído na decisão de levar para a tela a história de Colombo. O famoso realizador não iludiu a pergunta:

— Nos tempos perturbados que atravessamos, as plateias do mundo inteiro têm uma ambição, que domina todas as outras: procuram na tela a Verdade. Revelando, no quadro próprio, dentro da sua época, sob o seu aspecto mais real e mais humano, as figuras dos Construtores do Mundo — o cineasta satisfaz os legítimos anseios do público e presta, ao mesmo tempo, uma homenagem à memória dos homens, cuja sombra e glória se projectam ainda sobre os nossos dias. *That Hamilton Woman* e *Cristóvão Colombo* nasceram deste ponto de partida comum...

E, depois, numa transição: — O êxito dum filme, na hora que passa, depende da possibilidade que ela tenha de interessar o cérebro, o coração e os sentidos. Não pode ser vazio, tem que ser humano — e deverá apresentar-nos um problema amoroso, que nos diga qualquer coisa...

«Suponho que *Cristóvão Colombo* conseguirá reunir os requisitos necessários, para interessar aos três polos da sensibilidade humana».

Um filme à glória de Vasco da Gama

Fala-se de Vasco da Gama, do filme magistral e gigantesco que Hollywood, com os seus recursos inesgotáveis, poderá fazer, baseando-se na epopeia que Camões descreveu, com tamanha grandeza.

Pascal insiste: — Vasco da Gama é de todos os Heróis da História de Portugal o mais conhecido fora do vosso País. Por esse mundo fora, sobretudo nas cidades que bordam os Oceanos, encontram-se a cada passo, as «Ruas Vasco da Gama» e o nome do Descobridor da Índia, nos confins do Oriente, tem o sabor duma lenda, transmitida de geração em geração. Logo que conclua *Colombo*, pensarei na realização dum filme sobre a figura do grande marinheiro Lusitano, que desafiou o Desconhecido, com um saber e um arrôjo que ainda hoje forçam a admiração do Mundo. Neste momento, em Hollywood, há investigações e estudos em curso, indispensáveis para filme de tamanha monta.

«Fernão de Magalhães apaixonou-me também. Tenho já um argumento preparado!»

Fala-se de *Major Barbara*, que Lisboa verá na próxima temporada. Gabriel Pascal diz-nos do entusiasmo do público e da crítica de Nova-York. E acrescenta:

— É um filme ousado, porque crítica, com a violência que Bernard Shaw põe nas suas peças, a organização da sociedade inglesa dos nossos dias. Feito durante a guerra, justamente no período em que Londres suportou os maiores bombardeamentos aéreos, o filme obteve o «visto» da Censura. E a razão explica-se: quer a Inglaterra ganhe, quer a



Num grito unânime, toda a população do lugar de Chester, na Califórnia, proclamou:

— «We want pictures!» (Nós queremos fitas!)

Imediatamente as organizações de Hollywood estudaram o caso de Chester, onde não havia sala alguma de espectáculos cinematográficos. Foi incumbida a 20th-Fox de acudir àqueles infelizes, construindo um pequeno cinema para eles.

O lado curioso da história reside no facto de Chester contar apenas 25 habitantes...



Pasternak, o famoso produtor de fitas de Deana Durbin, saiu da Universal e foi disputadíssimo pelas outras companhias de Hollywood, que, por assim dizer, o puzeram em leilão.

— «Quem dá mais? Quem dá mais?» — e Pasternak andou de mão em mão até ser «arrematado» a peso de ouro.

Alegrem-se os apreciadores do género Deanna Durbin! Pasternak, o seu introdutor, foi disputado! E isso leva-nos a admitir que todas as companhias vão produzir ou desejam produzir fitas semelhantes.



Em Los Angeles vai ser construída uma sala para espectáculos cinematográficos, com 50.000 cadeiras. O custo aproximado será de 500.000 dólares ou sejam 12.500 contos.

Das notícias dos jornais americanos uma coisa salta à vista e à inteligência: o gigantesco empreendimento tem sobretudo por objecto bater o record das grandes salas.

— «Hoje... no maior cinema do Mundo... o maior filme do ano... etc... o que se pretende com os 12.500 contos: um slogan de publicidade!»

E nos perguntamos: — Valerá a pena arriscar tanto dinheiro para bater um record? Qualquer dia, outro maluco resolve gastar 25.000 contos e ninguém mais falará do cinema de Los Angeles. Serão, possivelmente, 50.000 cadeiras às moscas...

Inglaterra perca — a organização social britânica sofrerá uma profunda remodelação.

E já a despedir-se de nós, Gabriel Pascal declarou:

— Vivo, agora, para o projecto de ressuscitar, na tela, as figuras dos grandes navegadores de que lhe falei. A vez de Colombo chegou! Pode dizer aos portugueses, que prometo dedicar a Vasco da Gama, todo o meu saber e todo o meu entusiasmo, para fazer um filme que exalte a Aventura que Camões cantou com tamanho Génio e que seja uma homenagem do Cinema à Escola e ao escol dos Navegadores Portugueses!

F. F.

«MATOU!»

o extraordinário filme de FRITZ LANG tem as honras do 2.º espectáculo do «CLUBE DO ANIMATÓGRAFO»

que se realiza no dia 2 de Agosto no cinema do Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII

A noite de 2 de Agosto está destinada a ser de festa. Os sócios do «Clube do Animatógrafo» estão de parabéns. Em 2 de Agosto, terão o seu segundo espectáculo.

O segundo espectáculo reúne tantos ou mais atractivos do que o primeiro. Basta dizer que nele será exibido um dos mais formidáveis êxitos de Fritz Lang: «Matou», um filme que apaixonou a opinião pública e que revelou um grande actor que, infelizmente, nunca mais teve um papel à altura das suas qualidades: Peter Lorre.

Voltaremos a ouvir a frase musical de Grieg, assobiada pelo sádico; voltaremos a ver o comissário Lehmann; assistiremos à retinição dos mendigos nos subterrâneos da fábrica abandonada; teremos, em suma, o Fritz Lang de outras eras, antes da sua americanização...

Veremos também, ainda nesse espectáculo que terá o sabor do vinho antigo, dois filmes curtos muito agradáveis e que constituem documentos preciosos. Um, «Os Primeiros Passos do Cinema», transporta-nos a um passado distante. Outro, «A Marcha do Cinema», completa, a bem dizer o primeiro.

À SPAC e à RKO-Rádio Filmes ficámos a dever a possibilidade de se ter organizado um programa tão curioso como atraente.

Estas duas firmas, bem conhecidas dos sócios do «Clube do Animatógrafo», prestaram-nos gentilmente a sua colaboração, pondo à nossa disposição documentos preciosos como «Os Primeiros

PROGRAMA

PRIMEIRA PARTE

- 1 — OS PRIMEIROS PASSOS DO CINEMA *(Cedido pela SPAC)*
- 2 — A MARCHA DO CINEMA *(Cedido pela RKO-Rádio Filmes)*

SEGUNDA PARTE

- 3 — MATOU!
O inesquecível filme de FRITZ LANG,
com PETER LORRE no protagonista
(Cedido pela SPAC)

Passos do Cinema» que, pelo muito que vale, está retirado da programação corrente.

Em nome dos Sócios do «Clube do Animatógrafo», agradecemos sinceramente a colaboração dis-

pensada pela SPAC e pela RKO-Rádio Filmes.

Esclarecemos, desde já, que a projecção dos filmes não poderá ser contínua. O inevitável intervalo que tanto condenamos terá de aparecer mais uma vez. Apesar de toda a nossa boa-vontade, a cabine de projecção do Palácio das Exposições não tem espaço suficiente para duas máquinas. Contentemo-nos todos com uma só. E, como quem dá o que tem a mais não é obrigado, ficamos de bem com a nossa consciência.

Frizamos que os lugares não são marcados. Não há distinções de sócios nem de lugares. Quem chegar primeiro, melhor poiso arranjará. Mas, como sabem, o salão é agradável e tem excelente visibilidade. Mesmo os retardatários ficarão bem instalados.

...Salvo se a lotação estiver esgotada.



Fritz Lang, o grande encenador europeu dirige uma das cenas de «MATOU!» que revelou um extraordinário actor: Peter Lorre

O PRETO NO BRANCO

por A. de Carvalho Nunes

Vamos fazer uma estranha confidência, com a certeza de que o leitor saberá guardar o carácter estritamente privado da revelação.

Desde o primeiro número do «Animatógrafo» os seus colaboradores mantêm entre si uma terrível emulação, que se traduz em cada um procurar servir o melhor possível a «sua» revista.

Existe, enfim, entre os redactores, o chamado espírito de «equipe»; faz-se o verdadeiro «association». E a necessidade de recorrermos a termos estrangeiros para definir um tal espírito, revela bem que até há pouco este não era comum nos portugueses.

Que o provérbio «a união faz a força» tem cabelos brancos, mas quando eramos mais jovens sempre o ouvimos transformado em grito de guerra, um grito que não deixava de encontrar um eco menos mavioso que o do pôgo da Branca de Neve.

A união fazia realmente a força, porém esta era só aplicada em desbaratar, desbaratando-se...

Como cá em casa não é assim, o barco tem singrado, entre as minas à deriva das dificuldades que passam, de não de passar — se «Dios lo quiera».

E daí não ter Mota da Costa melhor leitor que o Bel-Tenebroso, nem o Ignácio da Purificação quem mais aprecie os seus desabafos do que o nosso director.

O mesmo se dá extra-muros. Foi na «Acção» — semanário da vida portuguesa — que lemos o Balanço da época, de Domingos Mascarenhas, com o interesse que sempre nos provocam os trabalhos que saem das suas mãos.

E em frente da lista dos 34 filmes que apontou como «os melhores» da temporada, ocorre-nos levantar nesta altura não o problema da *côr*, porque esse encontra-se resolvido satisfatoriamente, mas o caso da *côr*, sobre o qual muito há ainda a dizer.

* * *

Para de certo modo estabelecermos um paralelo, vejamos o sucedido aquando da precedente inovação por que passou o cinema.

Profundas e extensas foram as consequências do advento do sonoro: intrometendo-se na zona de influência do teatro, apressou a queda deste; obrigou a uma difícil e dispendiosa adaptação a própria indústria do filme; os quadros do pessoal técnico e artístico foram refundidos de alto a baixo, etc., etc.

Em compensação, o sonoro criava um número infinito de novas possibilidades e abria rasgados horizontes ao cinema que, desde então, passou a olhar sem receio o futuro.

No total, uma verdadeira revolução na arte cinematográfica, sob qualquer ponto de vista em que nos coloquemos — desde a produção à exploração.

E o colorido?
O colorido constitui uma maravilha do cinema, uma autêntica maravilha. E não serão demais os

elogios que façamos aos que porfiaram nos laboratórios e depois se esforçaram por trazer a grande descoberta para o plano industrial.

Mas, em boa verdade, o colorido, em relação ao sonoro, não

foi mais que modesto acontecimento — nas repercussões que teve na indústria do cinema e junto do público.

Hoje que já passou a época dos personagens com a pele *côr* de tijolo e dos trajes com tons obri-

gados, e se caminha a passos agigantados para uma relativa perfeição, é tempo de se tirarem algumas ilacções do que tem sido dado observar.

(Conclui na pág. 12)

Na TÓBIS PORTUGUESA "O Pai Tirano" continuam as filmagens de

Durante toda a semana continuaram os trabalhos de filmagens de «O Pai Tirano», produção e encenação de António Lopes Ribeiro.

Impressionaram-se todas as cenas passadas na pensão, encontrando-se já em demolição todo o complexo composto de casa de jantar, quarto, corredor e escada.

No último domingo, a equipa da Produção António Lopes Ribeiro deslocou-se mais uma vez ao Chiado. Mas desta vez o aparelho foi maior e «O Pai Tirano» não passou despercebido. Logo de manhã cedo, oito horas, chegou à rua do Carmo o camião de som

e var com os seus próprios olhos como ela representa, Arthur Duarte, cuja reaparição como actor de cinema causou grande satisfação entre os cinéfilos portugueses, Ribeirinho que cativou desde a «Revolução de Maio» a amizade e admiração do público dos cinemas, e que fez rir com prazer quem assistiu às filmagens naquele domingo escaldante, Idalina de Oliveira e Noémia Leitão, a primeira trabalhando actualmente no teatro e a segunda uma estreante, interpretando ambas, pela primeira vez, papéis para o cinema.

Assim que César de Sá, o ope-

cena a actriz Emília de Oliveira que tem à sua responsabilidade uma das mais curiosas figuras de «O Pai Tirano», a D. Emília, dona de uma pensão e madrinha da Tatão, e Leonor Maia que é a sua «afilhada».

* * *

A grande camaradagem que reina entre todos os componentes das equipas técnica e artística de «O Pai Tirano» levou a considerarem-se todos em família.

— Assim é costume ouvir dizer-se:

A estreade contracena com a veterana. Leonor Maia e Emília de Oliveira, a afilhada e a madrinha, conversam durante o intervalo num cinema



da Tobis Portuguesa e a camioneta da Prod. A. L. R. que descarregaram todos os aparelhos necessários à filmagem. Começou logo o ajuntamento de curiosos e cinéfilos que aproveitaram a ocasião para assistirem a um espectáculo que lhes é vedado e cujos resultados podem ver todos os dias nos cinemas.

Pouco depois começaram a chegar os automóveis que traziam os artistas. Apareceram então Leonor Maia que foi acolhida com geral simpatia e marmúrios de agrado da parte dos circunstantes que tiveram a felicidade de poderem admirar a figura graciosa da intérprete de «O Pai Tirano»

rado-chefe da Prod. A. L. R. e técnico de inegáveis qualidades, achou a luz do sol em condições de se poder começar a filmar, António Lopes Ribeiro deu início aos trabalhos.

E até às vinte e uma horas e trinta minutos trabalhou-se activamente sob um calor bem pouco agradável. Era já noite, havia muito, quando a equipa regressou ao Estúdio.

* * *

No plateau da Tobis Portuguesa filmaram-se algumas cenas e entre elas uma cujo ambiente é o de uma sala de cinema durante um intervalo. Interpretaram essa

— Viste para ti o meu «marido»?

— O «madrinha» são horas de irmos para a cena.

— Minha «filha» sorri um pouco mais para o lado d'reito.

E assim sucessivamente.

Até outro dia o Carlos Ribeiro, chefe dos serviços de cena, lamentava-se por estar completamente abandonado, a «espósa» e a «sogra» não tinham trabalho nesse dia, e à hora do almoço era vê-lo aborrecido sentado à mesa. Mas não foi por muito tempo, ele conseguiu «arranjar» uma nova «parentes».

E o trabalho prossegue, dentro da mais perfeita organização.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

GINGER ROGERS assina com a RKO um novo contrato por mais três anos

A atmosfera de expectativa com que em Hollywood era aguardada a decisão de Ginger Rogers, quanto ao seu novo contrato, acaba de se desanuviar, da mesma forma como acabou já o verdadeiro tráfico de influências que à volta da maravilhosa intérprete de tantos e tão belos filmes se agitava e em que intervieram, como fácil e compreensivelmente se calcula, todas as grandes empresas produtoras que aspiravam a ter a colaboração valiosíssima da atriz excepcional de «Kitty Foyle».

De facto o terceiro contrato com a RKO-Radio, (desde 1934 está ligada a esta empresa, sob cuja égide a sua carreira excepcional tem decorrido com um brilho notável pois foi nos estúdios de Gower Street que ela se fez a artista de excepção de que o cinema se orgulha), terminava e muito eram os boatos que corriam dando como certa a sua saída da RKO, em virtude dos seus desejos de se tornar uma artista independente.

Como sempre sucede, os alvitreiros enganaram-se...
Ginger Rogers, que concluiu há



poucos dias o filme de Garson Kanin «Tom, Dick and Harry», assinou com George Schaeffer,

presidente daquela companhia um novo pacto que por mais três anos a ligará à sua empresa. Segundo os termos desse contrato Ginger fará dois filmes no primeiro ano e nos anos seguintes um número que não foi determinado.

Nesse documento não é feita menção qualquer relativamente à possibilidade de trabalhar em outras companhias, quer permitindo quer proibindo tal. No entanto supõe-se que em virtude dos desejos, já mais de uma vez por ela manifestados, lhe será dada permissão de interpretar fora da RKO, um filme por ano, desde que tanto o argumento, como realizador e parceiros tenham a plena aprovação da RKO, ficando ainda esta empresa, como é natural, com os direitos de prioridade na utilização da vedeta.

Ficou também assente, que o primeiro filme a entrar em realização seria «Weekend for Three» — «Fim de semana para três», de que Eric Pommer será

o produtor. Não se sabe até à data nem o nome do realizador nem quem serão os seus parceiros.

Congratulemo-nos, todos os seus admiradores, por ela ter ficado na RKO. Nada mais justo pois os seus dirigentes souberam dar-lhe, sempre, as melhores oportunidades, abrindo inteligentemente o caminho da sua bela e cheia carreira.

LINDA WARE

vai interpretar o seu 2.º filme

A descoberta de Deanna Durbin, com o espantoso êxito dos seus filmes chamou a atenção dos vários produtores para as jovens cantoras, prima-donas de quinze anos, elementos ao que parece seguros para o êxito dos seus filmes. E foi dessa forma que começaram a aparecer em Hollywood uma variedade apreciável de semelhantes fenómenos, que tiveram fortuna diversa — umas ficaram, como realidades seguras, ao passo que outras passaram como fugazes meteoros.

Entre o grupo das que ficaram contam-se os nomes de Suzana Foster, Gloria Jean e de Linda Ware. Vimos Linda pela primeira vez, esta época já, ao lado de Bing Crosby no filme «O Fabricante de Estrélas» que o Condes passou, onde todos puderam admirar a sua voz de características realmente invulgares numa garota da sua idade.

Linda Ware vai agora, de novo, mostrar os seus gorgojos de grande cantora num outro filme que os irmãos Kozinsky vão produzir e que se intitula «Paper Bullets». «Bulas de Papel» terá também a particularidade de nele aparecer, desta vez num papel simpático o actor Jack La Rue que se especializou em papéis de particular antipatia, daqueles que mesmo os «vilões» *attitres* se recusam a representar com medo das reacções do público...

«FLASHES»

- NILS Asther, que já contractou com Greta Garbo, e Alice White, que chegou a ser uma grande vedeta de comédia, voltou ao cinema depois de longos anos de ausência no filme da Paramount «Night of January 16», com Robert Preston e Ellen Drew.
- DEPOIS de um ano consecutivo de cartaz, saiu do cinema de Nova Iorque onde se exibia, o filme de Pagnol «La Femme du Boulanger» para dar lugar à versão francesa de «Pepé Le Moko», que obteve na estreia um êxito excepcional. Jean Gabin assistiu e foi ovacionadíssimo.
- PARA a exploração do filme «Ziegfeld Girl», a M. G. M. utiliza na sua campanha de publicidade nada menos que seis trailers ou filmes-anúncio, que são exibidos segundo uma certa ordem.

Víctor Mac Laglen e Edmund Lowe

voltam a ser o sarg. QUIRT e o capt. FLAGG

De «O Preço da Glória» que foi depois do êxito verdadeiramente clamoroso de «Grande Parada», o maior triunfo do género dos filmes de guerra que nessa época encheram os ecrãs de todo o mundo, saíram para depois aparecerem como heróis de uma série apreciável de filmes, duas das suas principais figuras — o capitão Flagg e o sargento Quirt — camaradas leais, valentes como as armas, mas rivais e inimigos irreconciliáveis em face duma aventura de amor, em que, sempre o Capitão, levava no final a melhor.

Edmund Lowe e Víctor Mac Laglen popularizaram essas duas figuras de destemidos soldados, em aventuras que se estenderam por numerosos filmes e decorreram em vários países.

Agora, êsses dois heróis vão de novo reviver na tela, uma vez mais interpretados por Edmund Lowe, hoje quase esquecido, e por Víctor Mac Laglen, cuja actividade nos estúdios tem sido, nestes últimos tempos, mais diminuta. Foi a RKO-Radio que resolveu levar outra vez para a tela as proezas e as desavenças dos dois célebres personagens.

Esse primeiro filme, cujo argumento é da autoria de Tom Reed e será dirigido por Leslie Goodwins, tem por título «The Marines are Ready».

Como se vê, nesta nova fase, o capitão Flagg e o sargento Quirt mudaram de farda, pois pertencem, de ora em diante, à marinha. O que não deve ter mudado é o espírito de rivalidade em presença de qualquer donzela...

CAROLEEN LEE, de 5 anos, recebe da Paramount 30 contos por semana!

Provavelmente nunca ouviram falar em Caroleen Lee, um nome que está presentemente fazendo furor no meio cinematográfico de Hollywood. Não é uma nova «vamp», nem tampouco uma «cigã» com mais ou menos conhecimento da vida. Nada disso. Miss Lee é uma petizinha de seis anos que representa com a convicção e a vontade duma atriz consumada.

«Honeymoon in Bali», já exibido entre nós com o título de «Um Noivo para três Noivas», foi o seu primeiro filme, o seu primeiro cartão de visita de Hollywood, quando a pedido dum dos dirigentes da Paramount seus pais, o sr. Warren Copp, dirigente duma grande companhia produtora de aco, de Ohio, e a sr. Copp, a deixaram aparecer no cinema onde, segundo tudo leva a crer, uma carreira brilhante a espera.

Caroleen, que fez já quatro filmes, o último dos quais foi «Virginia» produção a cores com Madeleine Carroll e Fred Mac Murray, acaba de assinar com a Paramount um novo contrato pelo qual receberá a fabulosa quantia, para uma criança da sua idade, de mil duzentos e cinquenta dólares semanais, o maior ordenado que há memória de ter sido pago a uma criança no início da sua carreira, pois nem mesmo Shirley Temple, nos seus primeiros tempos evidentemente, se pode gabar de ter tido tão avultada retribuição.

O contrato foi previamente aprovado pelo juiz Emmett H. Wilson, do Supremo Tribunal de Los Angeles, e por ele ficou estabelecido que um terço será depositado numa casa de crédito, de forma a não poder ser levantado antes de Caroleen Le atingir a

maioridade. Este cuidado compreende-se depois de alguns casos sucedidos, como por exemplo o de Jackie Coogan que, possuidor duma fortuna enorme se viu dum momento para o outro arruinado em virtude dos seus lre terem gasto a fortuna. O contrato estipula também que depois de cada filme Caroleen terá seis semanas de férias junto dos pais.

BUSTER KEATON

regressa ao Cinema

«Assim Nasceu o Cinema» a curiosa e emocionante biografia das imagens animadas do outro lado do Atlântico, que todos ficamos a dever à Fox, teve a oportunidade simpática de puxar de novo para a tela a silhueta inconfundível e inesquecível de Buster Keaton, que foi grande entre os grandes comediantes da sua época, e que as vicissitudes do tempo e da vida quase fizeram esquecer. Pois «Pamplinas» o que nunca ria, parece vir fazer, com aspecto definitivo a sua reentrada no cinema americano. Realmente, depois de ter feito algumas comédias curtas foi contratado há pouco pela Republic. O primeiro filme em que aparece intitula-se «Puddin Lead». É vedeta do filme Judy Canova, uma artista cômica à maneira de Luisa Fazenda e da Polly Moran dos bons tempos de Mack Sennett, cujo primeiro filme, «Lis Hopkins» alcançou um êxito de bilheteira excepcional.

No filme aparecem também Francis Lederer, Raymond Walburn e Slim Summerville, sendo Joseph Stanley o director.

O PRETO NO BRANCO

(Conclusão da pág. 10)

O facto incontestável é que, enquanto o cinema mudo morreu, o filme preto e branco não só subsiste como goza de excelente saúde.

Com a excepção do filme de desenhos animados.

Nesse, sim, a cor tornou-se indispensável.

Dir-se-ia que a pseudo-natureza infantil desses trabalhos convida à intervenção dos lápis de cor...

Quando, presentemente, os desenhos animados são apresentados sem coloridos, tem-se a impressão que se está perante uma obra incompleta, inacabada.

O colorido casa-se perfeitamente com a fantasia, e quando trabalhado por um Disney alarga as fronteiras do irreal.

Aliás, um filme do Disney é sempre um sonho e os sonhos e a cor encontram-se tão intimamente ligados que a poesia implicou freqüentemente com o arco-íris e é vulgar a expressão «sonho cor de rosa», a significar qualquer coisa extremamente bela.

É claro que o colorido trouxe um atributo novo ao cinema, mais um motivo de êxito, e há filmes que devem à cor a sua única razão de vingarem.

Mas nós levantamos a questão, que tem importância sob o ponto de vista comercial e, portanto, que decide até certo ponto dos destinos do colorido: — como se comporta o público perante tal inovação?

Evidentemente que a aceita de bom grado, sempre que lhe dêem.

Mas não põe diante de si o dilema do ser ou não ser — e eis o ponto nevrálgico da questão.

Quere dizer: o público não prefere um filme colorido a outro que o não seja, só por isso mesmo. E muitas vezes, ao decidir-se na escolha de programa desconhece se o filme que vai ver é ou não realizado em preto e branco.

No entanto, se o filme preferi-

do trazer a surpresa da cor, julgamos que não fica contrariado com isso, antes pelo contrário.

Ora, enquanto durar este estado de espírito crítico, e sabido como é que o cinema colorido se torna muito mais dispendioso do que outro, os industriais sentir-se-ão inclinados a percorrer o caminho mais fácil, de preferência a meterem-se por atalhos.

Consultemos agora, em face destas considerações, a lista das 34 melhores produções da época segundo o abalizado critério de Domingos Mascarenhas, e vamos de ver a confirmação dessas mesmas considerações.

Com efeito, lá vêm as fantasias coloridas do «Pinochio», de «O Feiticeiro de Oz» e de «As Viagens de Gulliver».

Mas é de assinalar que os dez filmes que vêm à cabeça (por os considerar mais equilibrados) são, à excepção do «Pinochio», todos em preto e branco: «O Monte dos Vendavais», «Ninotchka», «Mulheres, Rebecca, A Cidade Turbulenta, A Loja da Esquina, A Rapariga da

Gola Branca, Peço a Palavra!, Jezebel, a Insubmissa e Orgulho e Preconceito (por ordem cronológica de apresentação).

E dos 24 restantes só são coloridos: «A Passagem do Noroeste», «As Aventuras de Robin dos Bosques», «Sinfonia dos Trópicos» e «Os Sete Cavaleiros da Vitória», em magra proporção portanto com os descoloridos, que não desmaiaram.

Ao enumerarmos estes últimos quatro trabalhos encontramos a confirmação do que atrás deixamos dito: qualquer dêles deve muito do seu êxito ao colorido.

Mas iludir-nos-íamos supondo que a cor é para o cinema um simples recurso, uma mão de tinta lustrosa a esconder a má qualidade da madeira...

É um processo de arte de aceitar sem reservas, pôsto que seja melindroso o seu emprêgo.

No fundo, fica porém intacta a nossa admiração pelo outro processo, mais sóbrio, menos teatral, jogando mais com a luz — elemento primordial do cinema.

É que temos receio que o pássaro azul do Cinema, enfeitado com tantas penas, deixe de voar tão alto.

Hollywood

(Concl. da pág. central)

A Fox, produz três filmes, sendo um dêles interpretado por Stan Laurel e Oliver Hardy, os conhecidos Estica e Bucha e que se intitula «Forward March». Tyrone Power trabalha em «A Yank in the R. A. F.». «Confirm or Deny» é a terceira produção da Fox nesta ofensiva de filmes de guerra.

A República tem três filmes incluindo uma série intitulada «King of the Texas Rangers».

A United Artists produz de colaboração com Edward Small e Walter Wanger «International Lady» com George Brent, Ilona Massey e Basil Rathbone, e «The Eagle Squadron».

A produção Releasens Corp., tem também em realização um filme.

Conforme se verifica, a América não perde a oportunidade de aproveitar a situação presente para assunto de 46 filmes com os mais variados temas desde a farsa-comédia ao melodrama.

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATOGRÁFO»

AS FOTOGRAVURAS E ZINCOGRAVURAS

de «Animatógrafo» são feitas na **Fotogravura Nacional**

Rua da Rosa, 273 — Telef. 2 0958

L I S B O A

CARTAS DUM CINÉFILO

Incomparável director:

Que pena eu não ter sabido que iam filmar no Chiado pois teria ido até lá, mas incógnito, ver os trabalhos para depois dar a minha opinião pois eu, fique sabendo, de exteriores percebo um bocadinho.

Continuo sem receber os retratos das vedetas Graça Maria e Maia Leonor. Faça favor de dar providências pois estas meninas não são mais que as americanas que mal eu lhes peço os retratos se apressam a mandar e sempre com dedicatórias amáveis cá para o Ignácio. Quere dizer que em Hollywood que não é a minha pátria, sou estimado, e no Lumiar não me ligam nenhuma. Mas elas é que ficam a perder pois eu quero fazer um estudo sobre as fotografias, pois talvez elas sirvam para protagonistas dos meus filmes. Se não me mandam os retratos elas é que ficam a perder. Depois não se queixem.

Vou também estabelecer uma relação de intérpretes para as minhas produções. É uma medida de grande alcance e assim, logo que eu comece a filmar já tenho onde escolher os intérpretes. Como vê todos os meus projectos se mantêm de pé. Tudo depende da atitude do meu pai. Os diabéticos pobres êsses ainda não desanimaram, pelo que tudo leva a crer que no inverno eu entre em actividade. A não ser que a doença não fosse para a frente, mas longe vá o agouro.

Fui ao Eden ver o «Tiro de 20 mulas», com Wallace Beery, que depois do Patrício Alvarez é o artista de cinema que eu mais gosto de ver trabalhar. A fita sugeriu-me uma ideia para um filme da minha produção, que será o terceiro que eu vou fazer. Já tenho o título, que não me parece mau. A minha terceira produção intitular-se-á «O Tiro de 20 paus». Que tal?

Já deu ordem ao porteiro da Tobis para me deixar entrar? Olhe que eu qualquer dia vou visitá-lo e, ao mesmo tempo, visitar o estúdio para ver se serve para os meus filmes.

Adeus até para a semana. Seu colega realizador

Ignácio da Purificação



Especialistas em aparelhos e acessórios para todos os formatos de cinema de amadores. Enviamos catálogos. **Pathé-Baby Portugal, L.da** R. São Nicolau, 22 Sta. Catarina, 315 LISBOA PORTO

A FEIRA DAS FITAS

«O TIRO DE 20 MULAS»

(«20 Mule Team»)

Sempre que chegávamos aos fins de Junho, princípios de Julho os nossos cinemas fechavam as portas. O natural calor não convidava o espectador a fechar-se dentro das salas escuras, as famílias que freqüentavam as principais salas mal os «pequenos» acabavam os exames saíam de Lisboa, as esplanadas, as praias dos arredores e os passeios fluviais da Parceria exerciam perigosa concorrência — e os empresários concluíam que o negócio no verão dava muito pouco. Alguns houve no entanto que, um dia repararam mais valer pouco que nada. E as salas fechadas não podiam dar realmente nada. Abertas, pouco ou muito, alguma coisa correria. Os cinemas de «reprise» continuaram a exhibir os seus programas gozando da vantagem do seu público se conservar mais tempo em Lisboa agarrado às suas ocupações e, ainda, o ter menos acessíveis as outras diversões. Houve depois alguns cinemas de estreira que, no verão transformavam a sua fórmula de exploração para gozar das máximas vantagens nas duas épocas e passavam a funcionar como cinema do bairro. Lentamente, de ano para ano, a época foi-se alargando, entrando mais pelos meses da calma. De há três anos a esta parte o *Eden* resolveu que o Cinema é espectáculo para todo o ano, e capaz de razoável rendimento desde que os programas não sejam feitos daquelas inspidas fitas a que se convencionou chamar «de fim da época» e a sala reina nas condições de comodidade (de frescura!) suficiente. Parece que, afinal, o público era desabitua-do à força de ir ao Cinema. Lopo Lauer empresário de inteligente e arrojada visão disse-nos que depois de três anos de exploração nos meses quentes verifica que de ano para ano as receitas da época vão aumentando o que parece provar que o público é susceptível de se habituar a ir sempre ver as fitas como, aliás, acontece em todo o mundo civilizado.

Palamos da necessidade de manter o mesmo nível de categoria dos filmes exibidos para não se manter essa fronteira prejudicial de época de verão — época de inverno.

Mas sabemos, que os distribuidores defendendo-se, guiando o seu negócio não gostam de estreitar bons programas no verão por não poderem ter com eles receitas que noutro tempo mais propício se apresentariam mais elevadas. Mais digno de louvor é por isso o esforço do exhibidor que consegue apresentar nesta altura, não os melhores programas porque seria absurdo — mas programas decentes, capazes de alinhar ao lado de outros que sem os envergonhar correram nos meses de inverno.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «Animatógrafo» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«O TIRO DE VINTE MULAS» (M-G-M)

- As interpretações de WALLACE BEERY (Billi Bragg), NOAH BEERY JOR. (Mitch) e ANNE BAXTER (Jean).
- A fotografia de CLYDE DEVINNA.
- A realização de RICHARD THORPE extraordinária na cena da perseguição.

Em «O Tiro de 20 Mulas» voltamos a apreciar nova criação de Wallace Beery. Como quasi sempre tudo foi desenhado à volta da personagem que ele criou — e a personagem é bem irmã de tantas outras suas que temos visto, impregnada numa certa poesia — melhor dum esbôço de poesia, poesia adivinhada que canta o meio patife de coração piegas, capaz de estoirar um amigo se fôr preciso para alcançar uns milhões e capaz, também de morrer de sede no deserto para salvar o amigo a quem quis matar. Wallace é completo na interpretação dessas figuras cheias de manha ingénua, de «esperte-

zas», dêsseis homens violentos que as mulheres ou as crianças dominam, e que passam o dia a praguejar contra um criado mas choram sentidamente por ele. O seu trabalho em «O Tiro de 20 Mulas» não acrescenta nada de novo ao que sabemos de Wallace Beery. Também não lhe rouba nada. Não é melhor nem pior e, por isso mesmo, é muito bom. De Leo Carrillo que também costumava ter umas criações especiais já não podemos dizer o mesmo — o seu trabalho é contra o costume bastante apagado. Noah Beery Jr. (que tem a cara do seu illustre tio Wallace) aparece mais uma vez numa criação que em-

bora não tenha o folêgo do papel de «As Mãos e a Morte» é no entanto suficiente para nos, mostrar outra vez as suas qualidades e a sua magnífica máscara cheia de presença e personalidade.

Mas o «caso» de interpretação do «Tiro de 20 Mulas» é Anne Baxter uma ingénua que já conhecíamos «de vista», não sabemos bem de que fita mas que só agora entrou definitivamente nas nossas relações pois é este o seu primeiro papel de importância apresentado entre nós. A sua juventude e a delicadeza da sua beleza servem a personalidade com que representa e valorizam extraordinariamente o seu trabalho que é sempre correcto e por vezes magnifico como na cena da discussão com Noah Beery (Mitch).

Richard Thorpe dirigiu «O Tiro de 20 Mulas» e imprimiu-lhe algumas características peculiares dos seus trabalhos inclusive uma certa irregularidade. Teve o talento de fazer desempenhar o primeiro papel do filme ao extraordinário cenário que a bela fotografia de Clyde Devinna valorizou bastante e de a cena das vassouradas na pensão é frouxa, em compensação o alarme com o ferimento de Josie é bem movimentado e a perseguição e morte de Stag Roper é conduzida com invulgar poder, acabou em grande estilo e pode alinhar ao lado do muito bom que se viu esta época.

F. G.

Paderewsky e Ti Nicolau

(Continuação da pág. 7)

ceram no mar, na madrugada do dia 11. Na restinga de Anzeiras, o barco que os levava para a faina da pesca, deu à costa, de quilha para o ar. Dentro, enleado nas rédes, o cadáver dum tripulante, símbolo da catástrofe.

O acontecimento, como era natural despertou em todo o País um eco doloroso. E, em Lisboa, foi particularmente sentido pela colónia poveira, que trabalha nos estúdios da Tobis, no filme «*Ala, Arriba!*», de Leitão de Barros. A ansiedade pelas notícias cavou mais fundas as rugas dos velhos lóbos do Mar, que temiam pela vida dos seus. O telégrafo não tardou em trazer a lista dos nomes dos homens que seguiam no «Senhora da Graça». E os maus preságios cumpriram-se!

A desgraça feriu o mais idoso dos pescadores que trabalhavam no filme. O «Ti» Nicolau, que já vai nos seus oitenta e quatro anos, perdeu o neto. Era, dos homens, a única pessoa de família que lhe restava. Filhos e netos — todos o Mar havia tragado, em sucessivos desastres.

Chorava como uma criança, ao contar-nos como o destino se compraz, por vezes, em dispor as coisas, de forma a registarem-se tristes coincidências. Quando ele veio, o rapaz tomou o seu lugar na companhia. À hora a que, no estúdio, o «Ti» Nicolau representava a cena do naufrágio do filme, o neto morria por ocupar o pósto que a ele competia na vida

real... E era esse desgosto, sobre o da perda do ente querido, que o desesperava e afligia.

Para lá partiu, dias depois, com uma única ambição: que o mar restituísse o corpo do seu neto, para que, ao menos, o pudesse rever na serenidade da morte — já que Deus não quisera que o fosse encontrar com vida...

FERNANDO FRAGOSO

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.º — LISBOA

O Correio de Bel Tenebroso

949 — BOB TAYLOR (Lisboa). — Faço ideia da necessidade que terás de conhecer as moradas de Alice Slombs, Alice Vignan e Ann Told. Passar-te-á, porventura, pela cabeça que eu não tenho mais nada que fazer do que responder às perguntas disparatadas sobre o paradeiro de três vedetas (?) que só deverão existir na tua imaginação?!

950 — REY... SEM TRONO. — *Furacão* era sem dúvida superior a *Tufão*. Entre os dois, há a distância que separa um do outro, nos domínios ecléticos. — *Crime e Castigo* e *Punição* são as versões, francesa e americana, do mesmíssimo romance de Dostoievsky. — É possível que Patsy O'Brien seja, como tu dizes, a mulher mais feia de Hollywood e, cumulativamente, a detentora das pernas mais belas da Cinelândia. Pela minha parte, ignoro, e deixa-me dizer-te, não me interessa nada averiguar o caso... — Este leitor saúda *Uma Loira Madeirense*, *Jane*, *Boneca Volável*, *Eva do Século XX* e *Uma Garota Madeirense*, ou sejam as mais assíduas leitoras da Ilha da Madeira.

951 — BOB WHITE (Ovar). — Nota que foi por «economia» (sic) que escreveste *White* sem *h*. Enquanto as restrições por ti decretadas se resumirem a esta letra a coisa não vai mal. Pena é que fiquemos sem chá... — *O Monte dos Verdavais* é um dos mais belos filmes que tem aparecido nas telas de Lisboa. — Idem, Idem, quanto a *Robin dos Bosques*.

952 — SID PERCUS. Fizeste bem em acreditar que eu te responderia. De facto, lembro-me de ter respondido pelo menos a uma carta tua. — Transmiti a tua carta para *Uma Moçona insinuante*.

953 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA (Lisboa). — Escreve a Jean Arthur para Warner Bros. First Studios, Burbank Califórnia. Esta vedeta nasceu a 17 de Outubro de 1908. — A lista dos filmes da Crawford é extensíssima, pois engloba quasi tantos filmes mudos como sonoros. Eis alguns dos principais: *O Turbilhão da Dança*, *Os Noivos d'Emily*, *Uma Mulher que Venceu*, *A vida é o dia de hoje*, *Os dois amores de Diana*, *Doidos & Companhia*, *A última conquista*, *A noiva de Vermelho*, *Manequim*, *Mulheres*, *Fugitivos da Guiana*, *As teorias de Suzana*, etc. — Joan Fontaine nasceu em 22 de Outubro de 1917. Escreve-lhe para R. K. O. Radio Pictures, 780 Gower Street, Hollywood, Califórnia.

954 — OUBLI (Penafiel). — Transmiti ao nosso Director as tuas palavras de incitamento, pela obra realizada em *Animatógrafo*.

955 — ESTUDANTE DE OXFORD (Cartago). — O problema da produção continua foi estudada por António Lopes Ribeiro, que nos anunciou tê-lo resolvido. Mais do que eu te possa dizer, os últimos números de *Animatógrafo* elucidar-te-ão convenientemente.

956 — SOL DE OUTONO (Lisboa). — Compreendo, perfeitamente, o teu amor pelo cinema. Como disse alguém: «é o

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

ópio do espíritos. — Registo a tua admiração pelo Melvyn Douglas, tão bom actor que suportou o confronto com Garbo, em *Ninotchka*. — Luise Rainer é melhor actriz teatral do que cinematográfica. A despeito dos dois prémios consecutivos da Academia, acho-a pouco humana e muito artificial. E repara que a sua carreira na tela, praticamente findou. Luise é vienense. — Podes escrever-lhe para a Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia.

957 — JOAN GABLE (Lisboa). — O teu desejo foi satisfeito: *Teorias de Suzana* já se estreou em Lisboa. Como não quero que me agradeças indevidamente, devo dizer-te que, para aí, não pus prego nem estopa...

958 — UMA LOIRA MADEIRENSE (Funchal). — A descrição que me fazes do Jardim onde te encontravas, quando me escreveste, revelou-te como uma «paisagista» de mérito e fiquei conhecendo, nos seus pormenores, esse maravilhoso jardim suspenso sobre o Atlântico, pontilhado de margaridas e perfumado pelos jasmims e madrinhas. — Transmito as tuas saudações a *Dinhamá*, *Coração sem Rumo*, *Conde Misterioso*, e, em especial, a *Sem Amor*.

959 — BONECA VOLÁVEL (Funchal). — Nota, com prazer, a tua declaração de que, à data a que me escreveste, estavas zangada com tôda a gente, menos comigo. Essa misantropia e misogonia ataca em regra todos os mortais. É uma doença extremamente aguda, mas passageira. — *Meia-Noite* é uma comédia muito engraçada. — *Boneca Volável*

(honey soit...) está disposta a corresponder-se com leitores da nossa revista desde que eles sejam os primeiros a escrever-lhe. — Transmito as tuas saudações a *Exilado do Mondego*, *Rey sem trono*, *I love Shirley Temple* e *Doido com juízo*. — Faço votos porque na tua próxima carta me dês notícias dos teus exames, que sejam de molde a mandar-te calorosos parabéns.

960 — OL. RODRIGUES (Lisboa). — Beatriz Costa está no Brasil. Escreve-lhe «Ao cuidado do Casino da Urca, Rio de Janeiro, Brasil».

961 — JACK HALFORD (Lisboa). — Escreve a Jean Chatburn para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — O Charlie Chan e o Warner Oland não são «dois falecidos artistas». O primeiro, o detective chinês, protagonista de tantos filmes policiais, é uma personagem de ficção. O Warner Oland, sim, existiu. Foi o artista que criou, na tela, a figura do arguto «Sherlock Holmes» mongólico, que com uma calma impressionante tem desfiado tenebrosas meadas, nos mais variados rincões do mundo. Depois de Warner Oland ter morrido, Sidney Toler passou a ser o legítimo Charlie Chan, na tela cinematográfica. — Este leitor gostaria de corresponder-se com *Duas Alentanas íntimas*, *Pinnochia*, *Donalda*, *Garota de Lisboa* e *Rainha Florida*.

962 — PEDRO LESTE. — De todos os filmes que em Portugal se têm projectado, poucos são os que passaram para os domínios das realidades práticas. Por isso, não viste ainda nas te-

las portuguesas *Fátima*, *Um homem do Ribatejo*, *O Rei dos Homens*, *O Cavaleiro de Alcegar*, *A Selva*, *A Noiva do Brasil* e *Os sete caminhos*, para me referir só a aqueles que citas. Em compensação vêes nos outros, de que se não falava por certo no artigo a que aludes: *Lótos da Serra*, *Ala*, *Arriba* e *O Pai Tirano*.

963 — ETERNO GAROTO (Chamusca). — Estamos procurando compor o «Correio» em corpo B. Dá tempo ao tempo. E como nada mais me dizes no teu postal sou forçosamente lacónico nesta resposta.

964 — AUSSURBANIBAL (Lisboa). — Será assim que se escreve o teu pseudónimo? Se estiver errado, desculpa; mas a verdade é que ninguém te manda inventar um nome tão complicado, que deveria ser o diminutivo familiar de qualquer faraó egípcio... — Podes adquirir na Redacção do *Animatógrafo* (Rua do Alecrim, 65) os números da nossa revista que te faltam.

965 — BOB TAYLOR (Lisboa). — Escreve à Barbara Stanwyck e Bette Davis para Warner-First National Studios, Burbank, Califórnia. — Betty Grable: 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Estás então convencido de que sabes quem eu sou. Falvez... Mas pela minha parte, creio que não acertaste.

966 — CONDE MISTERIOSO (Lamego). — Dos argumentos que citas, há alguns que têm interesse. — Já publicámos a letra da canção que te interessa.

Bel-Tenebroso

POSTA RESTANTE

Estão em meu poder várias cartas de leitores desta secção, destinadas a outros leitores, e que não foram ainda transmitidas por não dispor do endereço dos destinatários. Muitas delas não têm a franquia indispensável, ou seja um selo de \$40. Dou a seguir a lista dos leitores para quem as cartas são dirigidas, fazendo seguir dum asterisco as que não têm franquia. Para as receber, os destinatários não têm mais do que enviar-me a nota do seu nome e morada, acompanhando-a dum selo de \$40, no caso do seu pseudónimo ser seguido do sinal (*).

Fly e Mariquita: 10 cartas, das quais apenas uma está estampilhada. Como as 9 cartas pesam 50 gramas poderei enviá-las num só envelope que necessitará de um selo de \$20. — *Kalikrates* (*) — *Armando Blanco* (*) — *Swing Cinéfila* — *Rapaz de Alpiarça* — *Levado da Breca* (3 cartas) — *Princesa do Patim* — *Bob Taylor* (*) — *Três Nortenhos* (*) — *Sid Percus* (*) — *Oublie* (*) — *Tony* (*) — *Melita Sarreia Cabral* (*) — 16 anos incompletos (2 cartas, sendo uma sem franquia) — *Murília* (*).



CREME SIMON

O Creme Simon é hoje, como há 50 anos, o creme unico no seu género, é inconfundivel, nenhum outro se lhe assemelha, por isso hoje, como há 50 anos, é o preferido.

Use V. Ex.^a Creme Simon e terá sempre uma pele fresca e bonita.

AS ARTES PLÁSTICAS

E AS VEJETAS DE

Hollywood



Um ou outro dos nossos leitores ao dar com os olhos nas fotos que publicamos nesta página é capaz de ter um sorriso de incredulidade, atribuindo a simples «mise-en-scènes» o que nelas se representa. No entanto nada menos justo nem menos verdadeiro. Jean Hersholt é um escultor de mérito reconhecido e Gary Cooper um desenhador de reais faculdades, pois era essa, até, a sua profissão antes de, vai para três lustros, ter feito a sua estreia no cinema. Freddie Bartholomew, por sua vez demonstra autêntica vocação, conhecendo-se dele algumas aquarelas com inegável interesse.

Mas não se suponha que são estes os únicos actores que têm nas artes plásticas o seu «Violino de Ingress». Uma exposição recente da galeria Gump, de Los Angeles, reuniu um numeroso e valioso conjunto de trabalhos de gente de cinema.

Montagu Lore era o autor duma obra magnífica, «Corneteiro do exército da Índia a cavalos», e Roland Jonny exhibia um impressionante desenho à pena, «Skyline», um trecho de Nova Iorque. Reginald Gardiner pintou Hedy Lamarr com assombrosa semelhança e Ginger Rogers era a autora duma notável «Madame Ouspenskaya». «San Pedro», uma formosíssima aquarela de Lionel Barrymore, que estudou Belas Artes em Paris, e «Faymie», um espantoso quadro de Richard Cromwell, sem dúvida o melhor trabalho exposto, no estilo do grande Renoir.

A escultura estava representada por Vincent Price com um belo busto de Pan em terra cota, e uma linda cabeça de mulher, esculpida com talento por Anna Stenn.



S



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



As admiradoras de DICK POWELL satisfaz «ANIMATÓGRAFO» o desejo de verem publicada esta fotografia do seu favorito
ESTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: GEORG MURPHY